

Três perguntas em início de século

1. Que questões o preocupam mais neste início de século?
2. Que propostas lhe parecem mais adequadas para resolver as questões que referiu acima?
3. Num recente inquérito à escala mundial, promovido pela Gallup Internacional, dois terços dos inquiridos refere que o seu país "não é governado de acordo com a vontade do povo" e mostra-se de modo geral insatisfeita com a qualidade das democracias. Neste contexto, considera importante reforçar o papel da sociedade civil e dos movimentos sociais na construção de novos caminhos para o mundo?

1. Uma resposta a esta formulação específica da questão levar-me-ia a incluir aqui as novas (massificadas e mais elaboradas que no passado) formas de xenofobia e racismo; a reproletarização de amplos sectores das camadas trabalhadoras, desde os imigrantes nas sociedades chamadas *desenvolvidas* até aos operários dos novos mercados industriais asiáticos e latinoamericanos; a exploração desenfreada e suicidária dos recursos ambientais; a degradação dos sistemas de representação política de massas, que nos habituámos a chamar *democracias* e que não foram mais do que sistemas elitistas até há anos crescentemente participados para passarem agora a sistemas de consenso pela abstenção (eleitoral, política, social, cultural).

No entanto, todas elas se podem subsumir num fenómeno único: a ampliação a todo o planeta do processo histórico, em curso, da implantação do capitalismo, entendendo por *capitalismo* todo o complexo de relações de produção, sociais e culturais baseadas na construção/acentuação/valorização da desigualdade e da discriminação, que admite coexistir com (ou segregar de dentro de si) sistemas elitistas de representação política. Como na tese do *Big Bang*, podemos ter dúvidas sobre quando tal processo se terá iniciado; parece é não restarem dúvidas de que, infelizmente, ainda vivemos uma fase da sua expansão. Se nos centrarmos neste início de século, o que haverá de novo? A concepção e imposição de formas cada vez mais eficazes (porque mais completas, porque abrangendo o maior número de indivíduos alguma vez reunidos na História das comunidades humanas) de manipulação da informação, entendida como explicação do mundo e de cada um de nós. Por outras palavras, o totalitarismo ideológico mais abrangente da História. O conceito de *Império* recentemente proposto por Michael Hardt e Antonio Negri pode bem servir para ajudar a perceber esta nova fase de expansão do capitalismo, cujo "objecto de domínio é a vida social na sua totalidade". O conceito de *Fascismo societal* há alguns anos proposto por Boaventura Sousa Santos para designar o "regime social e civilizacional" em que já vivemos, pode servir para nos ajudar a perceber e sintetizar uma nova fase na evolução das sociedades da contemporaneidade, grávidas de verdadeiras ficções acrílicas, várias vezes abertamente irracionistas, que pretendem descrever a realidade social, e até mesmo as vivências de *todos* como se fossem a de cada um (e vice-versa), através de imagens mediaticamente válidas (e comercializáveis) em curtíssimos espaços de tempo, de rápido consumo, metáforas da "insegurança", da "criminalidade", da "imigração"/alteridade, da "violência", do "protesto", do "terrorismo", ou, pelo contrário, da "democracia", da "liberdade", da família "tradicional", da "Nação", do "sonho" individual...

2 e 3. O nosso ponto de partida não deve ser o do pressuposto de que já tivemos democracias e de que o problema é que elas se têm vindo a degradar; pelo contrário, se sobrevoarmos rapidamente o séc. XX nas sociedades que não passaram pelo modelo soviético ou chinês (aquelas que não se autodefiniram como democracias de *modelo ocidental* até muito recentemente), não só nunca pudemos falar de democracia funcionando em todas as suas acepções, como há anos se encerrou a fase de maior participação política, de maior legitimação eleitoral da elite governante, que coincidiu com grandes tarefas consensuais como a derrota do Nazifascismo, a construção dos Estados-Providência ou as independências anticoloniais. O desmantelamento de tais consensos e o novo e violentíssimo impulso do capitalismo, a que se tem vindo a dar o nome de *globalização*, tem conseguido estilhaçar os movimentos sociais que desde o séc. XIX pareciam capazes de organizar submetidos e excluídos, sem que se tenha podido estruturar entretanto uma rede suficientemente apertada de organizações diversificadas e flexíveis, representando múltiplas e simultâneas identidades (sociais, éticas, solidárias, étnicas, grupais), capaz de, pelo menos, embarçar o *Império*, os seus processos, a sua lógica. A passagem para uma nova fase histórica pode vir daí; virá, isso sim, seguramente, de um processo interior (individual primeiro e só depois de grupo), crítico da realidade e criador de consciência da injustiça, do conflito, da necessidade da libertação, de um renovado "pursuit of happiness".

1. O mundo em que vivemos continua a ser um "lugar mal frequentado". O novo século arrasta as misérias, a pobreza, a hipocrisia, a desumanidade histórica. E, no entanto, dizem-nos, estamos na era da abundância, da rapidez, do lazer, do sucesso pessoal e intransmissível. Caiu o Muro. Temos agora um protector, um só protector: zeloso, atento aos direitos humanos, que nos impõe uma língua, altera a dieta alimentar dos nossos filhos, vende-nos as suas fobias e a sua arrogância. E os democratas europeus, enquanto escorraçam os imigrantes (esses anacrónicos "infiéis"), vêem, calmamente, a emergir a extrema-direita - e andaram a dizer-nos, durante anos, que as ideologias tinham acabado!

2. As ideologias não acabaram. É preciso manter a utopia (utopia é aquilo que sociedade nos impede) de fazer deste mundo a terra dos homens. De todos os homens.

3. O reforço da sociedade civil é fundamental para uma mudança. Se este novo século herdou a desumanidade histórica, é legítimo reivindicarmos a rebeldia transformadora, as convicções, a alegria das lutas por causas colectivas que marcaram outros tempos. Porque a felicidade está vedada aos resignados.

Francisco Duarte Mangas